

conto 1 - pele negra, máscaras brancas: em busca do pertenc(er)

por Leiliana Rodrigues

Era uma quinta-feira. Entro na enfermaria psiquiátrica. As janelas estavam fechadas e entre as frechas os raios de sol tentavam iluminar aquele ambiente. As paredes estavam com suas tintas gastas pelo tempo. Podia sentir o cheiro que continuava o mesmo o tempo todo: desinfetante e cloro. Logo ouço uma gritaria: “Não me amarrem! Não me amarrem! Socorro. Alguém me ajudar!”. Me tirem daqui! Logo me aproximo da cama onde estava uma mulher, deitada e com seus pés e mãos contidas\amarradas.

- Bom dia. Meu nome é Ana. Trabalho aqui. E você? Como se chama?

- Não interessa sua filha da puta. Você vai me tirar daqui? Está doendo.

- Precisamos conversar para eu entender o que está acontecendo. Se você não me contar não consigo ajudar. Ela me olhava com seus olhos assustados e cheio de raiva, mas logo começou.

- Eu me chamo Marrie.

- Maria que nome bonito.

- Não. Marrie porra. Eu sou francesa.

- Desculpe Marrie. O que houve para você vir para internação?

- Culpa daquela mulher que me sequestrou. Ela precisa ser presa. Ela que tinha que estar amarrada aqui. Ela diz que sou filha dela, tudo mentira. Eu tenho outra família. Eu lembro dos quadros nas paredes, da janela que dava para a praia. Era lindo. Ela me roubou e me levou para morar com ela na favela. Não dá para ver que ela está mentindo? Como posso ser sua filha. Olha a cor dela e olha a minha. Ela é preta e eu sou branca! “Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questione!” (Fanon, 2008, p. 191). Que quer o homem? Que quer o homem negro?” “O negro quer ser branco” (Fanon, 2008, p. 27).

Por alguns instantes eu fiquei surpresa, pois Marrie também era negra de pele retinta. Fiquei imaginando o que aconteceu para que ela não se reconhecesse como uma mulher negra. Que história ela carregava consigo. A experiência vivida do negro, remete à discussão sobre a percepção do corpo negro pelo outro. “Mãe, olhe o preto, estou com medo!” (Fanon, 2008, p.105).

- Uh. Como foi este sequestro? Você lembra? Pode me contar?

- Claro ne! Mas não com muitos detalhes. Desde pequena eu morava em um apartamento próximo ao mar. Era um andar inteiro. Tinha um elevador que nos deixava dentro do apartamento. Nem todo mundo podia usar este elevador. Somente nós. Eu não me lembro muito bem, mas esta mulher era quem limpava todo aquele apartamento. Talvez meus pais tivessem medo dela me raptar por que eu sempre ficava dentro de um quarto pequeno e não podia sair antes dela me buscar. Meus outros irmãos eu quase não via, mas eles eram maiores e podiam sair e voltar do apartamento sem problemas. Minha irmã mais velha tinha um cabelo logo que brilhava como a luz do sol. Sua pele era clarinha como a minha. Eu não entendia muito bem por que tinha que ficar trancada naquele quarto pequeno. Então um dia fugi dele. Entrei numa sala enorme com uma mesa imensa. No teto tinha uma bola brilhante que parecia diamantes. Estava maravilhada, rodava e dançava naquele salão com os sons das batidas das ondas que vinham e entrava pelas janelas com suas grandes cortinas de veludo. Estava mergulhada em mim mesma, flutuava. De repente senti uma mão me puxando bruscamente e me retirando correndo e de volta para dentro do quarto pequeno. Esta que diz ser minha mãe me deu um puxão de orelha que sinto até hoje. Lembro de seus olhos assustados. Imagina que petulância dessa mulher! Bater no filho do patrão! Tinha que ser mandada embora, mas eu nunca via meus pais em casa para contar para eles. Deviam trabalhar muito. Um dia não voltei mais naquele apartamento e fiquei morando com esta mulher e seus filhos até hoje, mas desde então fico buscando minha outra identidade, a minha família de verdade. Ela até tirou uma identidade falsificada como se ela fosse minha mãe. Rasgo todos aqueles documentos. Eles não são meus. Eu não sua filha. Não pertenço aquele lugar. Meu lugar é outro.

- E por que você veio parar na internação?

- Aquela mulher que chamou o bombeiro. Ela fez isso comigo, me camuflou para que meus pais verdadeiros não me encontrem. Eu rasguei meu rosto com a faca. Queria achar minha pele verdadeira. Cortei camada por camada do meu rosto. Eu sei que está aqui embaixo em algum lugar. Ela até conseguiu disfarçar meus olhos também. Eles são pretos. Tenho olhos azuis como o mar. Vou arrancá-los também. E quero encontrar a minha casa de volta. A minha outra família. Eu não sou da favela. Ela me levou para lá. Quero encontrar minha identidade. Não sou filha desta mulher. Ela quer que eu tome estes remédios dizendo que sou louca. Não preciso de remédio. Não estou doente. Vou desmascará-la.

Percebi que Marrie já estava sonolenta e a deixei descansar prometendo que voltaria depois para continuar nossa conversa.

Impactada com sua narrativa fui conversar com a equipe de referência e saber mais informações. Relatam que Marrie chegou ontem. Sua mãe acompanhava, mas ela não queria a presença dela e hostilizava. A mãe chorava, mas conseguiu contar que precisou trabalhar como empregada doméstica e não tinha com quem deixar sua filha. Então a levava junto consigo e a deixava no quatinho de empregada trancada para trabalhar a semana toda. Voltavam para casa no fim de semana. Com o tempo percebeu que a filha estava conversando coisas estranhas e mais agressiva. O Tempo foi passando e chegou um tempo que precisou deixá-la na casa da vizinha. Marrie começou a ter comportamentos estranhos, não saía, não tinha amigos, não gostava de estudar, passava bom tempo no quarto e começou a aparecer com várias marcas pelo corpo. Começou a ficar agressiva com tudo e dizer que ela não era sua mãe e aquela não era sua família. Queimou todos seus documentos e identidade e se recusava a tirar outros com o nome de certidão. Referia que seu nome era Marrie e era francesa. Desde então buscou ajuda no serviço de saúde mental no Centro de Atenção Psicossocial do território, mas ela não vai aos atendimentos. Diz que não está doente.

Devido a diabetes foi encaminhada para Clínica de Família, mas também não toma as medicações necessárias. Sinto que estou perdendo minha filha. Não sei o que fazer com tanto sofrimento.

Ana, impactada com as narrativas, logo pede uma conversa com Fanon que conheceu a alguns anos. Fanon confessa a Ana que um dia estava em uma conferência e esboça um equivalente entre a poesia negra e a poesia francesa onde é muito aplaudido por amigos e logo ouve: “no fundo você é um branco” (Fanon, 2008, p. 50). Este fato lhe chama atenção visto que o racismo é muito sutil muitas vezes. E o negro sempre será lembrado que é um negro.

Bibliografia

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUfba, 2008.



1/3

Cabocla

Vitória Lima
2024

Cabocla
Xilogravura, por Vitória Lima, 2024